

1000

vezes com todos os

AMIGOS

DA

TEIXEIRA

MARÇO 2015
BOLETIM INFORMATIVO Nº100 | PREÇO 0,50€



ASSOCIAÇÃO
AMIGOS
DA TEIXEIRA
AAT - FUNDADA EM 1971

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

AAT - Associação Amigos da Teixeira
Rua Nossa Senhora da Conceição, 5
6285-051 Teixeira - Seia
Telf.: 238 661 058
E-mail: associacao.amigos.teixeira@gmail.com

DIRECÇÃO

João de Brito

ESCREVEM NESTE NÚMERO

Adriano Tomás (ex-jornalista)
Alexandra Brito (Xana)
Anabela Brito
Carlos Filipe Camelo (Pte. da Câmara de Seia)
Carlos Lima
Carlos Reis Marques
Fernando Figueiredo
Joana Gonçalves
João Álvaro Mendes
João Orlindo Marques (Pte. Centro Dia de Vide)
Lucília Pereira dos Santos
Paulo Pereira

FOTOGRAFIA

Anabela Brito
Carlos Reis Marques

REVISÃO

António Félix

APOIO INFORMÁTICO

Fernando da Silva Figueiredo

TIRAGEM

305 exemplares

PERIODICIDADE

Trimestral

IMPRESSÃO E PAGINAÇÃO

IMAGEM MULTIMEDIA - Produção de Imagem
Rua Dr. Gaspar Rebelo, 13
6270-436 Seia



editorial

1 - O boletim informativo da Teixeira atingiu, com a publicação deste número, o número 100, sendo ele o reflexo do percurso que teve e que se iniciou em 1992 com a publicação de algumas folhas policopiadas e que muito importantes foram na consolidação de um projecto apoiado pela esmagadora maioria dos Teixeiraenses. É com imenso gosto que publicamos hoje, como Suplemento, esse primeiro número do “Jornal da Teixeira”.

2 - Nessa primeira fase, que podemos apelidar de “heróica”, sob a direcção dos associados Fernando Pinto Figueiredo e Mário Rosa, aquele serviu para informar sobre o desenrolar do processo constitutivo de uma Associação fundada para defender e zelar por um património constituído pelos terrenos que eram e continuam a ser sua pertença e criar infraestruturas que melhor servissem os Teixeiraenses sob os pontos de vista social, lúdico e cultural.

3 - Esgotado que estava o formato vigente, pensámos se valeria a pena continuar com a publicação desse boletim informativo, tendo a resposta sido afirmativa. Para isso, foi alargado o número de colaboradores e foram criados novos temas que referissem a Aldeia e o Concelho onde a mesma está inserida. O resultado parece-me ser bem positivo, tendo em conta as muitas opiniões, internas e externas, que nos chegam sobre o actual formato e conteúdos. De uma simples impressão gráfica temos hoje uma quadricromia toda “janota”.

4 - Entrámos em 2015 e durante o corrente ano a Direcção irá procurar manter e, se possível, melhorar os serviços existentes e criar outros que se adequem ao dia-a-dia da aldeia e vão ao encontro do gosto dos associados e da generalidade dos Teixeiraenses. Escrevam e informem-nos sobre procedimentos que pensem dever ser alterados e/ou sugerir outras valências que se ajustem aos fins para que esta a Associação foi fundada. A vossa colaboração é importantíssima e são, afinal, os associados quem mais ordena.

5 - Em resumo: em 2015 continuaremos a procurar manter como grandes valores da AAT os seguintes postulados: Solidariedade; Autonomia / Independência; Democracia / Cidadania; Trabalho Voluntário e Benévolo, sendo claro que a democracia interna é o factor decisivo da nossa Associação.

Fevereiro de 2015
João de Brito – presidente da AAT

parabéns!

por carlos filipe camelo (Presidente da Câmara Municipal de Seia)



Não posso deixar de felicitar a Associação dos Amigos da Teixeira, por ocasião da edição número 100 da sua revista/boletim informativo, destacando a

tenacidade, persistência e resistência dos seus dirigentes.

Trata-se de uma publicação de enorme importância para a sua comunidade. Em primeiro lugar para os filhos da terra, residentes ou não na freguesia, junto dos quais a publicação difunde, de forma regular, a informação sobre o pulsar da freguesia e do Concelho, contribuindo para o conhecimento e valorização do nosso território.

Este é também um momento de reafirmação da Associação Amigos da Teixeira enquanto agente do desenvolvimento local, que promove e estimula a coesão territorial e a aproximação entre as suas comunidades e pessoas, através da realização de uma multiplicidade de iniciativas e ações desenvolvidas ao longo dos últimos anos.

Quero deixar a esses homens e mulheres uma palavra de apreço pelo trabalho realizado, personificando-a nos seus

corpos dirigentes e colaboradores.

É por isso que a Câmara Municipal, no meio de todos os constrangimentos financeiros, continua a apostar fortemente no movimento associativo, seja por via dos apoios financeiros anualmente atribuídos às instituições, de acordo com as atividades que estas desenvolvem, quer através das parcerias regularmente mantidas com o Município em diversos domínios.

Desta forma, a Câmara Municipal reconhece e valoriza, ainda mais, o esforço e trabalho dos seus dirigentes e associados em prol das suas comunidades, pois vemos a intervenção comunitária como pedra angular de toda a promoção do desenvolvimento social.

Nesse sentido, continuaremos a ampliar a nossa acção e regulamentaremos, à semelhança do que já acontece na área desportiva, um Programa de Apoios, de forma a clarificar o processo de atribuição de participações financeiras, materiais e logísticas, garantindo assim um apoio transparente, justo, isento e equilibrado.

Abraço forte, do tamanho da serra da Serra da Estrela

*O Presidente da Câmara
Filipe Camelo*

o jornal da teixeira, passado e presente

por fernando figueiredo

Este é o centésimo número do Jornal da Teixeira e, por isso, estamos todos de parabéns, porque o mesmo, agora numa nova fase, se mantém vivo e cada vez melhor, beneficiando de um contexto bem mais favorável do que aquele que existia ao tempo da edição do primeiro número. Contando agora com alguma folga financeira, tecnologias modernas, uma Direcção e um conjunto de colaboradores de excelente nível, contribui para a elevação da cultura, dá a conhecer as realidades da nossa Aldeia e da Região, levando as notícias a todos os associados e amigos, onde quer que residam, bem como a diversas entidades. Já alguém disse, com propriedade, que o Jornal e a Associação, com as suas valências, puseram a Teixeira no mapa.

Correspondendo ao pedido que me foi dirigido pelo actual Presidente da nossa Associação, João de Brito, também Director deste Jornal, venho escrever algumas palavras simples sobre a sua história, na versão anterior, ou seja desde o n.º 1, editado em 18 de Setembro de 1992, já lá vão 22 anos, até ao n.º 77, de Dezembro de 2009. A razão do pedido é o facto de ter sido eu, coadjuvado pelo Mário Rosa, a fundar o Jornal, sendo sempre eu o Director de facto, independentemente do nome que, do n.º 8 até ao n.º 66, aparecia na ficha técnica, e o Mário o colaborador permanente, indispensável, dedicado, esforçado e muito sensato.

Durante os 77 números que dirigi, tivemos algumas, poucas, participações de textos escritos por associados,

apesar de incessantemente pedirmos colaboração, garantindo total liberdade a quem quisesse escrever, tendo como única limitação o respeito pelos outros e pela Associação. Chegámos mesmo a oferecer, a quem tivesse receio de escrever com erros ou mau Português, a possibilidade de pôr as suas ideias numa simples carta, nós faríamos a revisão e devolveríamos ao autor original para ver se estavam bem expressas as suas ideias, mas nem assim conseguimos.

Assim, o que se escrevia eram as minhas ideias e as do Mário, porventura tornando os “Editoriais” (agora “A voz da Direcção”) a partir de determinada altura monótonos ou repetitivos. Já nessa altura, na Teixeira ou oriundos da Teixeira, havia um número muito razoável de pessoas com formação superior, que infelizmente não conseguimos motivar. É claro que agora o número de licenciados, ou quem escreva bem, é muito superior, muitos eram meninas ou meninos pequenos quando há 22 anos começámos, e é com muito agrado que leio os textos que vão sendo publicados. Devemos dizer que o Jorge Tendeiro e o Gonçalo Santos, na fase mais final da minha Direcção e cheios de boa vontade, tiveram alguma intervenção, que infelizmente a sua vida pessoal não terá permitido que continuasse.

É preciso voltar um pouco atrás para se perceber as motivações que levaram à criação do Jornal. Estamos em finais de 1990, já se tinha conseguido concluir praticamente

uma das mais difíceis tarefas indispensáveis à concretização do projeto dos edifícios, piscina e demais instalações, com a aquisição de todas as 15 parcelas, de 15 anteriores donos.

Três anos antes, em 1987, em Agualva-Cacém, começara a fervilhar uma ideia atrevida, iniciativa do nosso saudoso António “Colombo” (ninguém leve a mal, é que temos inúmeros nomes parecidos uns com os outros, somos praticamente todos parentes), de a Associação fazer na Teixeira um “Salão de festas”. A partir de um churrasco que ele e o grupo do Cacém organizaram na esplanada do Café Pacato, para o qual atraem muitos teixeirenses, tratam de nos convencer de que a ideia pode ser levada por diante. Em caixa na Teixeira a Associação tinha 160 contos, mas havia uma mancha de pinhal em condições de venda, avaliada em cerca de 18.000 contos, verba considerável para a época. O António, que deu dinheiro por excesso para as suas posses, centenas de livros e CDs e ainda veio



mais tarde a pagar os 600 contos que custou a máquina necessária para a edição do Jornal foi um associado de enorme dinamismo e dedicação inultrapassáveis, e nunca quis fazer parte do grupo de trabalho que haveria de dirigir a concretização dos objetivos definidos, e, humilde mas inteligente como era, tratou de forçar a que esse grupo fosse constituído pelas pessoas que ele achava estarem mais capacitadas para o efeito.

Pouco depois, o dito pinhal ardeu – ou arderam-no – e em vez dos esperados 18.000 contos, com alguma sorte conseguimos realizar a módica quantia de 5.140 contos. Por essa altura existia uma estreita ligação entre a Direcção dirigida a partir da Teixeira pelo Joaquim, e uma “Direcção da Grande Lisboa” que a breve prazo se unificaram. Então o que vamos fazer com estes 5.300 contos? Mais uma vez foi o António “Colombo” a convencer-nos: Vamos avançar com a execução dos projetos e licenciamentos, começamos os trabalhos até onde o dinheiro der, e quando acabar pára a obra, tocamos o sino a rebate, e dizemos ao Povo: acabou o dinheiro, e agora... vamos todos colaborar?

Logo que estas ideias fizeram o seu caminho, pensou-se em editar um Jornal, se possível mensal mas se não pelo menos trimestral, com vários objetivos: informar do que se ia passando com as pessoas da Teixeira, dinamizar e lançar uma recolha de fundos que teve um enorme êxito, manter os associados que não residiam em permanência na Teixeira informados do avanço das obras, comunicar os diversos pequenos e grandes eventos que, mesmo em casas e locais emprestados, íamos realizando e, ainda que modestamente, contribuir para alguma elevação do nível cultural dos associados menos letrados.

A iniciativa de lançar o Jornal veio a revelar-se fundamental para unir as pessoas em torno de um objetivo

comum, mas só a pudemos concretizar já com a obra em plena construção, antecedida da feitura do ramal de acesso do Ringue até ao Castanheiro, para dar passagem às máquinas e materiais de construção. Veja-se que as obras começaram em 1 de Agosto de 1992 e o primeiro Jornal foi editado a 18 do mês seguinte. É preciso lembrar que as pessoas que faziam o Jornal eram as mesmas em quem as sucessivas assembleias-gerais confiaram a liderança da execução e controlo das empreitadas e, sobretudo, que a Associação não tinha dinheiro para as concluir, não podendo desviar um centavo para qualquer outro fim que não fosse a obra. E já agora, que tinham os seus empregos ou os seus empregados, pois estavam nos seus quarenta e tal anos de idade.

Em termos gerais, a feitura do Jornal era do seguinte modo: a uma quarta-feira ou quinta-feira, cerca das 19 horas, o Mário chegava ao meu escritório. Durante algum

tempo a Nuce do Vítor, que trabalhava ali perto, também aparecia para ajudar a tirar umas fotocópias, mas ela dispunha de pouco tempo, como mulher e mãe de família. Depois, a sua empresa mudou-se para fora de Lisboa e até esse apoio se perdeu.

O Mário era o “repórter” que recolhia as notícias, os donativos, quem estava no hospital, etc., etc. Também era ele que, no intervalo entre duas edições, endereçava envelopes para o envio por correio, no país e no estrangeiro.

Ainda que iniciado e editado durante as fases mais agudas da obra, em geral as informações sobre esta constavam numa página interior numa rubrica “Notícias”, poucas vezes eram o tema escolhido para o “Editorial”. A escolha do tema do “Editorial” era sempre o nosso maior problema, e ao fim de um dia de trabalho extenuante a imaginação nem sempre ajudava.

Era eu que fazia a maioria deles, mas alguns foram mesmo da autoria do Mário. De qualquer modo, ao contrário do que alguns possam pensar, foi sempre de uma grande ajuda nos editoriais que eu escrevia. Eu tinha tendência para, por vezes, ser um tanto mais áspero do que o necessário, e ele, com a sua argúcia e sensatez, chamava-me a atenção para que se corrigisse uma ou outra palavra ou frase, para não melindrar ninguém. Posso garantir que todos os meus editoriais foram fortemente influenciados, no bom sentido, por este grande Teixeirense.

Naquele tempo os processadores de texto não eram o que são hoje e por vezes pregavam-nos partidas. No primeiro dia trabalhávamos até tarde, e no dia seguinte fazia-se um telefonema para o Joaquim na Teixeira, a recolher notícias e opiniões de lá. Nesse segundo dia, era até o Jornal ser dado por concluído, por vezes às 4 horas da madrugada.

Não havia dinheiro para pagar a tipografias, não havia

impressoras a laser ou a jacto de tinta, eram as chamadas impressoras de agulhas. Mas, necessitando de comprar uma impressora para o meu escritório, comprei e paguei do meu bolso uma Epson topo de gama, que já permitia oito tipos de letra e de qualidade muito semelhante às actuais, e nela se fazia a impressão. Feita a “matriz” de todas as páginas, a mesma era fotocopiada numa Xerox também topo de gama, de seguida cada exemplar com um pequeno agravo em diagonal no canto superior esquerdo e pronto. Faltava a distribuição, sendo certo que, como um número significativo de jornais seguia por correio normal, para o país e para o estrangeiro aos emigrantes, teríamos também que poupar nesta parte. Não excedíamos 8 páginas, para o selo de correio não ser a dobrar e fazíamos a entrega em mão onde podíamos: eu levava para Linda-a-Velha para a Nuce distribuir à saída da Missa de Domingo, o Mário fazia o mesmo no Cacém e arranjávamos sempre alguém

que levasse os da Teixeira para o Joaquim lá fazer o mesmo.

A Direcção de que eu era Vice-Presidente decidiu manter o Jornal no formato muito modesto, fotocopiado, e até passar o testemunho nunca nenhum de nós recebeu um cêntimo de despesas que efetuava em serviço porque, apesar de a piscina já estar à disposição dos associados desde Setembro de 2006, faltavam as obras de requalificação dos edifícios já construídos, bastante degradados, e ainda estava em aberto a construção do último edifício, estando em curso a aprovação e o licenciamento do mesmo, que veio a ser concedido em 12 de Janeiro de 2010. Mas deixámos o dinheiro mais do que suficiente para tudo isso. Hoje, parece ser consensual que o último edifício não faz falta, basta fazer ali os chamados “arranjos exteriores”.

Ao Director e a todos quantos participam na actual versão do Jornal da Teixeira reitero os meus parabéns e desejo as maiores felicidades.

venham mais 100

por carlos brito pinto

100 Edições: Excelente comemoração! O jornal tem sido um motor de informação e de cultura da aldeia. Mais ainda: é um jornal de excelência não só pelos conteúdos, mas também pelo facto de se exprimir de forma fácil, permitindo a toda a gente que o perceba e entenda.

Quando o jornal chega à caixa de correio é uma

verdadeira prenda e apresso-me para ler a informação que vem no seu interior. É realmente uma ponte que nos liga a todos. É um jornal pequeno mas muito simpático. Traz a informação necessária aos Teixeiraenses. Há que desenvolvê-lo mais, para que os seus conteúdos transmitam às gerações vindouras positividade, conhecimento e alegria entre os Teixeiraenses. Venham então mais 100 edições!

associação amigos de teixeira

por joão orlindo marques (Presidente da Casa do Povo de Vide)



A hora é de congratulação pela centésima edição do boletim informativo Associação dos Amigos de Teixeira. Aceitando o convite para colaborar nesta publicação especial, deixamos aqui um breve apontamento da história e da acção da Casa do Povo de Vide.

Esta instituição tem na sua génese o contributo da Freguesia de Teixeira. Na verdade, no acto de constituição, em 1972, designava-se Casa do Povo de Vide e Teixeira. Uma união que permitiu que os serviços de Assistência Social e de Saúde tivessem permanecido centralizados no território, até à década de 1990. Sem esta ligação ambas as freguesias ficariam obrigadas a tratar os seus “assuntos” em Torroselo, pois que, estas duas freguesias fariam parte da Casa do Povo ali estabelecida.

Esvaziadas das funções que tiveram junto da população rural, muitas foram transformadas em Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS). Aconteceu com a Casa do Povo de Vide e Teixeira que, a partir de 1995, passa a orientar a sua missão no campo da assistência social nas valências de Centro de Dia e de Serviço de Apoio Domiciliário.

Essa actividade, que teve início em Julho de 1997, contava na altura com a colaboração de três funcionários e uma viatura, apoiando moradores em três aldeias da

Freguesia de Vide. Nos anos que entretanto decorreram multiplicaram-se as infraestruturas e os equipamentos, crescimento acompanhado de perto pelo aumento dos recursos humanos colocados à disposição “das comunidades”.

Hoje a Casa do Povo de Vide presta apoio a cerca de 80 utentes nas valências de Centro de Dia, de Serviço de Apoio Domiciliário e de Cantinas Sociais. Conta com um quadro efectivo de 12 colaboradoras, compreendendo uma técnica de Serviço Social, um médico e uma fisioterapeuta. A missão apoia-se numa frota com seis viaturas que ligam a sede a 15 aldeias das Freguesias de Vide, Piódão e de Teixeira.

Promove-se também o acompanhamento e o transporte dos utentes a consultas médicas em cidades mais distantes como Coimbra, Viseu, Guarda ou Covilhã.

No caso de Piódão, existe um forte apoio económico da Junta de Freguesia local e da Assembleia de Compartes dos Baldios.

Actualmente, a Casa do Povo de Vide apoia 12 habitantes na aldeia de Teixeira de Cima com necessidades sociais, de saúde ou de sobrevivência. A estes, são fornecidos apoios vários que passam por alimentação, limpeza das habitações, tratamento de roupas, higiene pessoal, etc.

Além disso, apoia-se no transporte e acompanhamento a consultas médicas, presta-se serviços de fisioterapia e ainda se promovem visitas domiciliárias para conversar um pouco e quebrar o isolamento que a falta de população permanente promove.

Pode dizer-se que o apoio prestado pela Casa do Povo de Vide concorre para a manutenção de pessoas na aldeia e que, sem esse apoio, muitos teriam de sair para viver com familiares ou numa instituição de acolhimento permanente.

Mas nem sempre se revelou um trabalho bem recebido na comunidade de Teixeira de Cima! Na verdade, durante muitos anos só quando as pessoas ficavam sozinhas, ou

abandonadas à sua sorte, alguém chamava a Casa do Povo de Vide. Quando solicitado, nunca esse apoio deixou de se prestar.

Durante algum tempo percorreram-se anualmente cerca de 7500 km para apoiar um único utente em Teixeira! Dificuldades que deram alento para continuar a missão de apoio social, pois que, para a Casa do Povo de Vide, as pessoas não são números.

Apesar do caminho até aqui percorrido não ter sido fácil, continua-se com vontade em colaborar com a AAT no apoio à comunidade de Teixeira de Cima. Essa disponibilidade contribuirá, com toda a certeza, para a manutenção das pessoas na aldeia e retardará o seu despovoamento.



divagando

por João Álvaro Mendes

Alcança este nosso jornal a bonita conta de 100 edições. É obra! Normalmente associamos este número a boas causas sejam elas pessoais e/ou materiais, Tal conceito enraíza na nossa cultura judaico-cristã (muito embora alguns a queiram a toda a força desvalorizar).

Com efeito, o número 50 e seus múltiplos era tido na cultura judaica como um número de prosperidade e abundância; ao atingi-lo considerava-se como tendo cumprido uma missão importante e de alto valor.

Podemos perfeitamente adaptar este conceito ao nosso Jornal: ele começou, há mais de um quarto de século, como simples folha informativa para os Teixeiraenses. Foi crescendo em quantidade de folhas, em quantitativo de informações, em qualidade de impressão e em qualidade e conteúdo de temas a tratar, tornando-se naquilo que hoje é: uma referência editorial na região serrana.

Quisera ter o dom de sintetizar em poucas linhas o tão vasto leque de temas que as suas páginas foram contendo ao longo dos tempos. Porque a tal não me abalço quero apenas referir que, não me atraçoando a memória, de tudo um pouco foram as edições sendo compostas: houve apelos, mais ou menos dramáticos, quer de colaboração quer de fundos monetários; houve alertas patriótico/regionalistas; houve louvores e muitas críticas; houve relatos de lembranças de outros tempos; e até houve insultos mais ou menos soezes nada condizentes com a

pacatez e solidariedade ancestral da nossa aldeia!

De tudo isto foi palco este jornal que teve um percurso diferente da aldeia. Ele foi crescendo e sendo embelezado pelas diversas participações e temas que o enformaram enquanto a aldeia, infelizmente, muito embora tenha crescido e se tenha embelezado com a recuperação de diversas casas e melhoramento dos arruamentos, foi ficando vazia de pessoas. Entristece-me calcorrear as ruas e verificar que a grande maioria das casas se encontra desabitada (ou com muito pouca utilização durante a maior parte do ano), e por vezes completar uma volta pela aldeia sem encontrar viva alma!

Mas enfim, esta crónica não pode ser de tristezas, antes porém de congratulações pelos 100 números do nosso jornal com os meus sinceros votos de que se mantenha vivo e defensor da nossa Teixeira e seja bem um dos elos que una as nossas gentes!

Quero saudar todos quantos têm colaborado na sua composição e desafiar muitos que podiam também participar numa obra que afinal é de todos. Quem não se lembra das reticências postas por muita gente a quando do início da construção da Sede da AAT? E hoje ela aí está congregando muita gente e servindo de apoio solidário a quem tem necessidade de se encontrar com alguém para se sentir “vivo”.

Um abraço do tamanho do mundo para todos os Teixeiraenses!

e daqui a outros 100?

por carlos lima

Vou lançar a todos o desafio de imaginar o que aconteceu na Terra e na Teixeira até 2040. Será por essa altura que sairá o número 200 desta inestimável publicação. Nessa altura alguém fará uma viagem a 2015 para saborear diferenças, reavivar memórias, sentir o pulsar da aldeia.

Estamos em 2040

A dependência do petróleo está em níveis mínimos. Já existem alternativas válidas para a produção de energia que custam... quase nada. A China tem um poder em África muito assinalável, na busca de matérias-primas.

A esperança de vida aumentou 10 anos. É comum viver até aos 90 anos. Várias doenças viram curas mas outros vírus apareceram e criaram pânico na Humanidade.

Tudo o que fizemos ao planeta está agora a voltar-se contra nós. O nível do mar subiu, áreas enormes de terra já estão submersas e obras gigantescas tentam evitar que os oceanos reclamem muitas outras. O clima parece estar de pernas para o ar, alternando anos “normais” com outros atípicos e extremados, batendo recordes negativos em todo o planeta.

Por várias vezes esteve eminente um terceiro conflito mundial, até agora evitado.

A Terra já esteve na rota de alguns objectos perigosos, mas já sabemos como evitar outros que aí vêm. Muitas outras “Terras” foram descobertas no universo. Não temos ainda meios de lá chegar.

Com a nova energia, o motor a jacto já não existe.

Agora no céu circulam naves que transportam pessoas e mercadorias em poucos minutos entre Lisboa e Paris.

O dinheiro como hoje circula nas nossas mãos é história, os cartões já o substituíram completamente. Notas e moedas entraram em desuso.

A população é maioritariamente sénior. Aqui está mais de 80% do mundo. Este é o grande receio das nações.

No nosso país tivemos grandes avanços na área do turismo para ricos. Várias aldeias desertas foram compradas para este fim e o ainda clima ameno atraiu muitos investidores e abastados a fixarem-se neste ainda “jardim à beira mar plantado”.

Ainda não apareceu uma classe política que pensasse apenas no país e no povo. Criaram-se muitos partidos baseados em movimentos e associativismo. Um deles teve mesmo sucesso.

As Teixeiras já estão ligadas por estrada. Várias famílias voltaram para ficar mas nem todas se aguentaram. Dos que estão hoje, já partiu uma boa parte.

O campo de futebol já deu lugar a um projecto ligado ao turismo. Aliás a região em geral e algumas aldeias em particular envolveram-se em acções e empreendimentos nesta área. A vontade de desenvolver projectos agrícolas e de turismo foi o factor decisivo para o retorno de gente e o evitar da desertificação. Já temos um recinto para festas.

Será que alguém se vai lembrar de reler este texto quando receber o n.º 200?



NOTÍCIAS DA TEIXEIRA E DA SUA ASSOCIAÇÃO

os novos estatutos da aat

Os novos Estatutos que oportunamente serão impressos e distribuídos pelos nossos associados, podem, entretanto, ser consultados, acedendo-se ao portal do Ministério da Justiça através do seguinte endereço:

<http://publicacoes.mj.pt/Pesquisa.aspx>

total de associados no final de 2014

Com a entrega dos novos cartões foi possível apurar o número exacto de associados da nossa Associação. Os números individuais anteriores foram mantidos, apesar de terem sido eliminados alguns associados, quer por morte, quer por não pagamento, há muitos anos, das quotas respectivas e nunca terem regularizado as mesmas apesar de, por carta, terem sido feitos apelos nesse sentido. Constata-se um número crescente de novos associados, sobretudo de residentes na aldeia, ao que não devem ser estranhas as medidas de carácter social implementadas: médico, enfermagem, pagamentos na sede de serviços (água, electricidade, telefone). Assim:

Sexo masculino	252
Sexo feminino	223
TOTAL	475

consultas médicas na teixeira

Foi no dia 21 de Janeiro de 2013 que o médico regressou à Teixeira. Desde essa data, duas vezes por semana, às segundas-feiras e quartas-feiras à tarde, o Dr. António Nolasco e a sua simpática assistente D. Isabel Duarte vêm à Associação para consultar todos que se inscrevem previamente ao balcão da AAT. A comodidade e o bem-estar dos associados melhorou muito, evitando quilómetros e reduzindo tempo. Se dúvidas houvesse, vejamos, no quadro abaixo, o número bem significativo de consultas dadas durante 2014. A juntar a isto, os medicamentos prescritos são entregues no dia seguinte, pela manhã, no balcão atrás referido.

assembleia municipal na teixeira

No último número publicado (Dezembro de 2014) no primeiro parágrafo do artigo sobre a Assembleia Municipal Ordinária do Concelho de Seia, realizada no dia 22 de Setembro de 2014, nas instalações da Associação Amigos da Teixeira, estava escrito que aquela tinha sido presidida pelo Dr. Albano Figueiredo, vereador pela Coligação PPD/PSD-CDS/PP. Tratou-se, como é óbvio, de um lapso, de que pedimos desculpa porque, na verdade, o Presidente da Assembleia Municipal de Seia é o Dr. André Figueiredo eleito pelo Partido Socialista.



Consultas/2014

Mês	N.º consultas
Janeiro	35
Fevereiro	21
Março	31
Abril	33
Maió	19
Junho	38
Julho	34
Agosto	42
Setembro	30
Outubro	34
Novembro	29
Dezembro	31
Total	377

a biblioteca da aat



Desde 2011 que a Associação tem instalada uma Biblioteca e que resultou da decisão de disponibilizar aos associados os inúmeros livros oferecidos, há muitos anos, por dois associados já falecidos. Foram eles os saudosos António dos Santos Pereira (Colombo) e João Bernardo Freire Neves.

Constata-se que os pedidos de livros tem sido baixa, porventura por se achar que ler não é importante, ou por desconhecimento dos conteúdos variados que poderá encontrar nas estantes da nossa Biblioteca. No Verão, porque é que os que nos visitam não procuram um livro? Afinal:

O QUE É UMA BIBLIOTECA? É um local de descoberta e divertimento, no qual podemos encontrar respostas para as nossas dúvidas, pesquisar para os nossos trabalhos, ou simplesmente passar os nossos tempos livres num ambiente acolhedor e descontraído. Mas esses mesmos livros podem, também, ser lidos na tranquilidade das nossas casas.

COM QUE IDADE SE PODE SER LEITOR NA BIBLIOTECA? Não existe nenhum limite mínimo para “ler”, basta segurar um livro e olhá-lo. Existem livros para todas as idades, por isso podes frequentar este espaço

a partir dos 0 anos e na nossa biblioteca existem muitos livros para crianças.

Foi o Padre/Escritor António Vieira (século XVII) que afirmou: “Quem não lê, não quer saber; quem não quer saber, quer errar.” Venha à nossa Biblioteca, manuseie um livro, procure o que lhe interessa e, mais tarde, verá que LER VALE A PENA.



na aat em 2015

Dia 4 de Abril, sábado de aleluia: almoço dos Jotas em que será servido um cozido à portuguesa com todos. Está convidado o João e a Joana, o Joaquim e a Joaquina, o José e a Josefa, os restantes Jotas e seus amigos. Será uma tarde bem passada e animada.

Dia 2 de Maio, sábado: visita orientada, a um aerogerador e à subestação do Sobral de São Miguel, pelo Sr. Engenheiro Timóteo Monteiro, da EDP - Renováveis. Aqueles situam-se no Parque Eólico de Pedras Lavradas II e a partida será, pelas 9,30 horas, da porta da AAT, com regresso perto das 13 horas, sendo servida uma merenda a todos os participantes no evento por um valor simbólico ainda a fixar (o programa deste evento será oportunamente publicado).

Dia 13 de Junho, sábado: almoço dos Antónios e dos seus amigos, antecedido da tradicional procissão em honra do santo. Será mais um animado encontro que avivará memórias de outros tempos.

Dias 1, 2 e 3 de Agosto: Festa do Santíssimo Sacramento com a habitual procissão, depois da missa e presença da banda de música no que diz respeito à parte religiosa daquela. No que diz respeito à parte profana não temos quaisquer notícias sobre a sua realização o que a acontecer seria o quebrar de uma tradição tão do agrado dos Teixeiraenses e de quem visita a aldeia nessa altura.

Dia 15 de Agosto, sábado: pela manhã missa por alma dos associados falecidos, seguindo-se, da parte da tarde, a habitual Assembleia-Geral Ordinária. Ao início da noite será servido um jantar que terá muita animação com a presença de artistas convidados.

Apelamos para a participação do maior número possível de Teixeiraenses nestes eventos e traga, também, um seu amigo ou amiga. Demonstramos que a Teixeira vale a pena.



CONVOCATÓRIA PARA A ASSEMBLEIA-GERAL ORDINÁRIA

De acordo com o estabelecido no parágrafo 1.º, do artigo 25.º, dos Estatutos da Associação Amigos da Teixeira, convoco a Assembleia-Geral Ordinária a reunir no próximo dia:

29 de Março de 2015, pelas 14 horas,

na nossa Sede, na Rua da Nossa Senhora da Conceição, 5, em Teixeira, Seia,
com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 - Discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção relativas ao exercício de 2014;
- 2 - Informações.

Se à hora indicada não estiverem reunidos metade dos associados, fica a mesma convocatória marcada para as 15 horas do mesmo dia e no mesmo local, com qualquer número de associados e com a mesma ordem de trabalhos.

Teixeira, 8 de Março de 2014.

O Presidente da Mesa da Assembleia-Geral



(António dos Santos Reis)

fotografias de actividades da aat (réveillon, palestra sobre o frio)







EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL NA AAT



a “guerra” na teixeira - uma exposição por carlos marques

A guerra – coisa feia de se falar e de se ouvir – não escolhe idades, género, credos, ideologias, economias, embora muitas vezes sejam estes os seus motores.

Citando um dos quadros da exposição, “por vezes é um lamentável hino à coragem, à tenacidade, ao companheirismo, ao coletivo, à Pátria e à esperança de melhores dias”. Sim a sobrevivência obriga a esforços desumanos e impensáveis noutras circunstâncias, ao apoio de camaradas de armas – a família na hora -, mas também estão bem presentes o sentido Pátria e Paz, o regresso à normalidade perdida.

O título da exposição não teve o apoio de todos. Mas pensemos nisto: primeiro, todo o Portugal estava em guerra; em segundo, embora longe dos conflitos, a Teixeira não deixou de sofrer, pois estando os seus filhos longe, a combater, as famílias viviam no afastamento, na incerteza, no medo de os perder ou vê-los magoados; podemos ainda dizer que faltaram braços no campo em momentos de vida bem difíceis, como na primeira Grande Guerra, ou algum conforto em dinheiro e géneros que sempre vinha daqueles muito jovens arrancados a estas serranias, em busca de uma vida melhor para eles e famílias; também aqui, a guerra interrompeu vidas, lutas diárias de todos os Teixeiraenses.

Se calhar, felizmente, nem todos se aperceberam devidamente do que estava em causa e da (im)preparação de todos. Dois exemplos: as tropas portuguesas da primeira Grande Guerra chegaram a França com equipamento desadequado e foram imediatamente postas de quarentena graças a um surto de tifo causada pelas fracas condições de higiene; depois, temos este texto muito claro do nosso João Álvaro. No entanto, em termos militares, seria injusto também não deixar de referir todos aqueles que foram organizados e rigorosos, e os bravos que se esqueceram de si para darem aos camaradas e à Pátria.

Enfim, não foi para falarmos de tristezas que a AAT organizou esta exposição. Foi antes para homenagear os filhos da Teixeira que, ao longo do século passado, defenderam Portugal na Europa, em África e na Ásia, homenagem que se estende da aldeia a todos aqueles que ontem e hoje sofreram e sofrem na loucura do Homem,

resultantes da sua ambição, da sua intolerância, se calhar dos seus medos.

Pensemos um pouquinho mais nos aldeões que há cerca de um século saíram dos montes da Teixeira para Tancos (e de outras aldeias), logo de seguida para França, um Mundo de sofrimento, de línguas e tradições impensáveis para aqueles jovens. Depois, os impactos desta terrível adaptação minoraram, mas também eles foram escondidos das famílias e das prometidas, elas próprias sofrendo da separação e da incerteza.

Por isto, a AAT / Teixeira, embora abençoada por não ter perdido filhos, não podia deixar passar em branco os 100 anos do início da Primeira Grande Guerra e estender esta homenagem aos restantes naturais da aldeia que lutaram pela Pátria longe da Teixeira. E, naturalmente, estender esta homenagem a todos os que sofreram e sofrem da loucura dos seus semelhantes.

“não foi para
falarmos de tristezas
que a AAT organizou
esta exposição.
Foi antes para
homenagear os filhos
da Teixeira”

Procurou-se a simplicidade, como simples são as gentes da serra; daí as molduras brancas que se confundem com as paredes: a importância reside na imagem, não do local onde ela está. Depois, o branco também representa a esperança de melhores dias, que são expressos por a aldeia não ter perdido ninguém nestes conflitos, também porque a tecnologia que o Homem inventa para matar os seus semelhantes acaba, na Paz, por contribuir para

o desenvolvimento humano. Da mesma forma, evitaram-se imagens difíceis de serem vistas, antes manteve-se no sentido na esperança, como é exemplo a imagem do Carlos Pinto a embalar, com Amor, uma criança salva após uma acção militar.

Procurou-se ainda transmitir uma imagem aproximada da distância entre a Teixeira e os locais de conflito, sem esquecer nenhum.

Finalmente, esta exposição não seria possível sem o contributo único e dedicado à Teixeira da nossa muito querida Lucília (Carmina).

A AAT e todos os Teixeiraenses desejam, hoje e sempre, a PAZ para todos.

a guerra colonial - um outro olhar

por João Álvaro Mendes

Interpelou-me a Direcção da Associação Amigos da Teixeira no sentido de escrever para o nosso Jornal, narrando a minha experiência na Guerra Colonial em Países Africanos.

Num primeiro momento neguei-me a fazê-lo porque a minha participação tinha sido completamente diferente da de outros conterrâneos e portanto nada iria acrescentar. Resolvi no entanto voltar atrás com a minha decisão e participar para mostrar uma das curiosas facetas daquelas intervenções militares: o amadorismo militar em Portugal. Por outro lado também pensei ser interessante acrescentar algumas notas que ajudem a explicar o porquê de certos acontecimentos.

Comecemos então pelo princípio (é sempre por aí que se deve começar):

1 – O amadorismo militar!

Recebi a convocatória para a mobilização através de uma chamada telefónica no dia 27 de Março de 1964 (uma sexta-feira) ao fim do dia: deveria preparar-me para embarcar para Angola no dia 1 de Abril. Tinha portanto dois dias úteis para providenciar o mínimo essencial para a deslocação: recolher a “guia de marcha” que me devia acompanhar e adquirir, junto do estabelecimento oficial (o casão militar) todo o fardamento necessário. Tal falta de tempo (aí começa o amadorismo) derivava do facto de, na altura, eu me encontrar destacado numa unidade militar que não aquela a que pertencia, tendo sido assim muito morosa a pesquisa por parte da secretaria da minha unidade. A ordem de mobilização tinha saído um mês antes mas... onde estaria eu? Foi a primeira dificuldade. Por esse motivo não tive tempo de me deslocar atempadamente à Teixeira.

Embarquei assim no dia 1 de Abril (sendo dia das mentiras... não foi mentira) num navio cargueiro (toscamente adaptado a transporte de militares) em 12 longos dias rumo a Luanda. Os soldados amontoavam-se nos porões do navio, em camas sobrepostas que chegavam a atingir as seis ou sete, como se de animais para o matadouro se tratasse. Era uma situação revoltante, bem fruto do amadorismo que grassava nas Forças Armadas.

Chegado a Luanda, munido da tal “guia de marcha”, apresentei-me no Quartel General da Região Militar, onde fui recebido com surpresa já que não havia conhecimento algum da minha ida (o contingente que me acompanhava no barco seguiu para Moçambique). Mandaram-me aguardar instruções numa espécie de “república” existente em Luanda (não havia quaisquer instalações programadas para pessoal em trânsito).

Passados mais ou menos 8 dias recebi por uma nota em cima da cama que ocupava na dita “república” a indicação para me apresentar às 5,30h da manhã no “quartel de adidos” onde fui informado que o meu destino era determinada unidade militar mas que ignoravam onde ela estava pelo que, devia pedir boleia (sic) a um dos camionistas que em coluna se preparavam para seguir para o Norte com reabastecimento de mantimentos e materiais

e ir perguntando pelo caminho aonde estaria a dita unidade militar (uma situação surreal olhada à distância de 50 anos). E foi assim que, perguntando em cada unidade militar por onde íamos passando que tive conhecimento de que a “Companhia” a que iria pertencer estava adstrita operacionalmente a um Batalhão sediado no Quitexe.

Aí chegado e apesar de, soube depois, ir substituir um oficial que tinha sido morto numa emboscada, também na Companhia ninguém sabia da minha ida, pelo que tive que esperar mais 8 dias pela viatura de reabastecimento que me transportasse para a “fazenda” onde a Companhia estava aquartelada. Era o consumir do amadorismo no seu melhor.

O resto da comissão de serviço e no que toca a este assunto nada tem de relevante. Acompanhei a Companhia (passe o pleonasma) até ao seu regresso ao Continente, sendo depois colocado em Nova Lisboa (hoje Huambo). Como curiosidade: o mesmo local onde o meu falecido pai esteve 50 anos antes (e nessa altura também se chamava Huambo).

Podemos no entanto classificar como de amadorismo o facto de os oficiais não terem instalações no aquartelamento, sendo obrigados a, a suas próprias expensas, procurar alojamento e alimentação (excepto o almoço) nas pensões da cidade.

2 – Notas para análise dos acontecimentos

Muita gente dizia que os “colonizadores” Portugueses nas “Províncias Ultramarinas” como eram designados os territórios em África, tinham comportamentos, a bem dizer, pouco humanos para com os indígenas. Não sei se tal correspondia à verdade mas... da fama não se livravam.

Deixem-me narrar-vos quatro acontecimentos. Não mencionarei nomes nem sítios para não ferir qualquer susceptibilidade.

a) Em determinada localidade existia um aquartelamento por mim comandado. A determinada altura o Sr. Chefe de Posto (autoridade civil local) mandou um cipaio (assim se chamavam os seus ajudantes) dizendo para eu me deslocar ao posto que queria falar comigo. Retorqui ao mensageiro que dissesse ao seu chefe que a distancia do posto ao aquartelamento era igual ao inverso e se ele queria falar comigo que se deslocasse ao quartel. Não cheguei a saber o que ele me queria!...

b) Em determinada região as autoridades militares incumbiram-me de contactar as populações civis e contratar gente para ir para o norte cultivar terrenos oferecendo determinada quantia. Chegando a uma grande povoação fui, como é normal, apresentar cumprimentos ao Sr. Administrador de Concelho. Este recebeu-me friamente e de forma bastante brusca intimou-me a parar os contactos. Respondi-lhe que estando em regime de guerra o poder militar se sobrepunha ao civil e portanto não tinha que lhe obedecer. Vim depois a saber que o problema residia no valor oferecido aos trabalhadores: era oito vezes superior ao valor que a administração do concelho pagava a quem contratava para trabalhar.

c) Noutra altura queixavam-se os soldados sob o meu comando que a população civil os tratava mal e por vezes chegava mesmo ao insulto. Evidentemente que recomendei a todos que ignorassem os insultos e se mantivesse unidos para evitar males maiores.

d) A determinada altura, uma das missões que me foi dada consistia numa espécie de censo populacional mais virado para auscultação das necessidades das pessoas. Constituído um grupo de 12 pessoas (em que eu era o único elemento branco) o transporte militar deixava-nos em determinado ponto e 10 ou 12 dias depois recolhiá-nos noutro ponto. Para alimentação davam-nos ração de combate (que é muito boa nos dois primeiros dias mas depois...) Ficava-mos assim à nossa sorte no que respeitava a deslocações, pernoitas e alimentação. A certa altura tendo comprado a uma população local um cabrito

e tendo obtido panelas, por empréstimo, precisando de batatas para o acompanhamento dirigi-me a um armazém para as comprar. O comerciante assim que me viu, porque já tinha sido informado do meu intento, disse logo que não tinha batatas para venda. Levantando a cabeça vejo sacas de batatas empilhadas ao fundo do armazém. Informando o comerciante desse facto foi-me respondido que aos militares nada venderia. Evidentemente que saí do armazém com as batatas que pretendia, que fiz questão de pagar, porque sempre me ensinaram a não roubar!

Ficam aqui sumariamente estes quatro exemplos de acontecimentos que na altura me chocaram pois vieram dar razão ao que se dizia das atitudes dos colonos portugueses.

Passaram já 50 anos mas há coisas que ficaram sempre gravadas na memória!!!

DO CONCELHO

seia integra programa: adaptar portugal às alterações climáticas

Seia integra uma rede composta por 26 municípios, no âmbito do projecto de adaptação às alterações climáticas à escala local, lançado e apresentado em Lisboa, a 15 de Janeiro, que prevê um investimento de 1,5 milhões de euros com o principal objectivo de desenvolver 26 Estratégias Municipais de Adaptação às Alterações Climáticas (EMAAC).

A iniciativa visa capacitar os municípios portugueses para avaliar as vulnerabilidades locais e o respectivo potencial, face às alterações climáticas, e aumentar a sua capacidade para incorporar a adaptação às alterações climáticas nos seus instrumentos de planeamento e intervenções.

Coordenado por Filipe Duarte Santos, especialista em alterações climáticas, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, o Climadapt envolve a Agência Portuguesa do Ambiente e também vai desenvolver um programa formativo para os técnicos municipais das autarquias parceiras.

A cerimónia de lançamento decorreu na manhã do dia 15 de Janeiro, através da assinatura do protocolo entre o consórcio do ClimAdaPT.Local e as 26 autarquias que vão participar. Para além de Seia, constam os municípios de Amarante, Barreiro, Braga, Bragança, Castelo de Vide, Castelo Branco, Coruche, Évora, Ferreira do Alentejo, Figueira da Foz, Funchal, Guimarães, Ílhavo, Leiria, Lisboa, Loulé, Montalegre, Odemira, Porto, Seia, São João da Pesqueira, Tomar, Tondela, Torres Vedras, Viana do Castelo e Vila Franca do Campo.



Durante o seminário estiveram especialistas da Noruega, Reino Unido e Espanha, para partilhar a experiência do trabalho já realizado na Europa, na adaptação local às alterações climáticas, e recordados os exemplos nacionais dos municípios que já integraram medidas na área da adaptação às alterações climáticas: Almada, Cascais e Sintra.

Portugal é dos países que terá impactos mais significativos decorrentes das alterações climáticas, desde a subida do nível do mar, que afetará os municípios do litoral, ao aumento da temperatura e à maior frequência e intensidade de cheias e secas.

festival de artes plásticas de seia - artis XIII

O Município de Seia e a Associação de Arte e Imagem de Seia, promovem o ARTIS XIII – Festival de Artes Plásticas de Seia, de 2 de Maio a 30 de Junho de 2015. O referido Festival é composto por uma Mostra de Pintura, Escultura e Fotografia, que será integrada num programa que contemplará outras áreas artísticas. Tendo como principais objectivos a divulgação e promoção da riqueza e variedade das artes no interior, a iniciativa encontra-se aberta a todas as sensibilidades estéticas e habilidades técnicas. Esta Mostra tem por objectivo valorizar a actividade criativa dos agentes locais, pelo que, participam nas mesmas, preferencialmente os artistas naturais,

residentes ou com afinidades ao concelho de Seia.

Para mais informações deverão contactar a Casa Municipal de Cultura, em Seia.



Artis XII - em 2014



SEIA JAZZ & BLUES

XI FESTIVAL DE JAZZ & BLUES DE SEIA
18 a 22 de MARÇO '15
Casa Municipal da Cultura de Seia

Dia 18 Quarta-feira ESCOLAS COM JAZZ	Dia 21 Sábado 22:00H MÓNICA FERRAZ UNPLUGGED
Dia 19 Quinta-feira 22:00H BIG BAND EPSE	Dia 22 Domingo 21:30H WHIPLASH - NOS LIMITES (cena)
Dia 20 Sexta-feira 22:00H ANDRÉ INDIANA BLUES BAND	

Bilhetes à venda

www.municipalcul.cultura.pt



Big Band
EPSE-Seia



Mónica Ferraz



André Indiana
Blues Band

cadastro em seia e oliveira do hospital envolve mais de 200 mil propriedades

A realização do cadastro predial em Oliveira do Hospital e Seia envolve mais de 200 mil propriedades e regista uma adesão “bastante boa” dos donos, num território montanhoso caracterizado pelo minifúndio.

Este projeto-piloto integra 85 técnicos e outros trabalhadores e movimenta 48 viaturas, distribuídos por 39 gabinetes de atendimento, dois a funcionar em cada uma das câmaras municipais e os restantes nas freguesias.

Em Seia, distrito da Guarda, muitos titulares “não conhecem as estremas” dos seus prédios, revelou Alexandra Maia, coordenadora do projecto, da empresa MunicípiA.

“Temos tido uma adesão bastante boa”, declarou aquela engenheira geógrafa, revelando, no entanto, que os resultados estão “ainda muito aquém” do trabalho a realizar.

O Projecto Experimental de Cadastro para Áreas com Elevado Risco de Incêndio Florestal, cuja execução a Direcção-Geral do Território confiou a diferentes consórcios no âmbito do Sistema Nacional de Exploração

e Gestão de Informação Cadastral (SiNErGIC), inclui mais cinco concelhos: Penafiel, Paredes, Loulé, Tavira e São Brás de Alportel. “Este trabalho é fundamental para a gestão do território e da floresta”, observou Alexandra Maia.

Prazo curto e desconfiança

Realçando a “relevância do cadastro para a gestão e ordenamento do território”, o presidente da Câmara de Seia, Carlos Filipe Camelo, mostrou-se “muito contente” com a realização do projecto no seu concelho. “Mas o prazo é muito curto, há muitos proprietários ausentes e outros já morreram”, confirmou. Tal como o homólogo de Oliveira do Hospital, Carlos Filipe Camelo é confrontado com “dúvidas e preocupações” dos munícipes. “Desconfiam sempre que as Finanças estejam por detrás”, disse.



Recolha de dados em Seia
decorre até 25 de Maio

António Carvalho, dono de vários terrenos, considera o cadastro “um trabalho vantajoso” para as pessoas “terem um conhecimento profundo” dos seus prédios.

Chova ou faça sol, o topógrafo Vítor Duarte passa os dias em trabalhos de campo e em contacto com os titulares. “Alguns pensam que este trabalho será para que possam vir a pagar mais de contribuição”, referiu. Vítor Duarte abre caminho entre matagais para chegar aos marcos e vai avisando que quem não aderir agora ao cadastro, que é

gratuito, “poderá no futuro ser prejudicado”.

Em Oliveira do Hospital, a recepção das declarações e o trabalho de campo terminarão no dia 26 de Fevereiro, seguindo-se a consulta pública de 30 de Março a 7 de Junho. Em Seia, a recolha de dados vai decorrer até 25 de Maio, enquanto a consulta se prolongará de 26 de Junho a 3 de Setembro.

(*) *In jornal Porta da Estrela.*

CANTINHO DA ESCRITA

as cinquenta cores da teixeira

por alexandra brito (xana)

Quem vive na Teixeira o ano inteiro, ou quem por lá passa em diversas épocas do ano, sabe que vai encontrar sempre a mesma aldeia mas com uma paisagem quase sempre diferente, consoante os meses do ano em questão. No Inverno, por exemplo, o céu cinzento faz o verde dos pinheiros ficar mais escuro e denso. Apenas o vermelho dos medronhos ajuda a quebrar essa monotonia. Durante estes meses mais frios sobressai também o castanho dos troncos das árvores despidas e das varas das videiras. E lá à frente, na serra, os tons cinzentos das fragas fundem-se com o branco da neve que escorre pelos montes abaixo. São as cores do Inverno.

Mas mal a Primavera desponta e os dias ganham mais horas e mais sol, a paisagem muda drasticamente. Os montes que antes eram verdes escuros ganham uma tonalidade cor-de-rosa, devido à flor da urgueira e da queiró. Outras encostas ficam alegres e cobrem-se de amarelo com a flor da carqueja ou das giestas.

Mas não é apenas a natureza que muda de tons. Os rostos de quem lá habita também ganham um novo aspecto: os olhos ganham mais brilho e as faces tornam-se mais rosadas, à medida que os afazeres do campo exigem mais horas de trabalho ao sol. E até as roupas dos habitantes da aldeia se tornam mais claras e coloridas. Basta uma ida à missa para perceber isso mesmo. No Inverno, por exemplo, aos olhos de quem fica ao fundo da Igreja sobressai a homogeneidade das cores dos sobretudos pretos, castanhos ou cinzentos dos habitantes. Com a chegada dos meses de Abril e de Maio, os sobretudos pesados e escuros são “arrecadados” nos guarda-fatos, e em sua substituição começam a sair casacos mais leves com cores que parecem brindar a chegada da Primavera: são beges, brancos e

voltem!

por joana marques

Neste número redondo da nossa revista, não poderia deixar passar em branco e deixar uma mensagem de apelo.

Apelo para voltarem mais vezes a esta nossa janela da serra, sei perfeitamente que se calhar não o fazem por questões profissionais, mas, contudo, volto a reforçar a ideia.

A Teixeira não é só o mês de Agosto, festas, noitadas, café e piscina. Teixeira é reconhecer o nosso cantinho, onde passámos e passamos alguns dos nossos melhores momentos da vida. É mostrar aos nossos amigos onde passámos a nossa infância, dizer “olha, aqui fazia os meus piqueniques”, “era aqui que jogava às escondidas”, é mostrar um pouco de nós...

Tragam amigos, que nesta nossa grande família, que é a “TEIXEIRA”, todos serão bem recebidos...

A Teixeira espera por vocês... VOLTEM!

verdes. E as camisas tornam-se floridas e ganham padrões.

E é exactamente esta variedade de cores e de tonalidades que dá mais encanto à aldeia. E é também isso que ajuda a explicar o choque que apanho sempre que regresso ao Cacém depois de ter passado uns dias na Teixeira. Quando chego a Lisboa tudo me parece feio: as ruas parecem-me mais sujas, os prédios mais velhos e as pessoas mais cinzentas. Eu sei que é tudo impressão minha: sei que na realidade as ruas permanecem iguais, que os prédios não envelheceram e que as pessoas não ficaram mais macilentas enquanto estive fora. Mas apesar de saber isso, no fundo, também tenho a certeza de que ao pé das paisagens e das cores da Teixeira tudo o resto me parecerá sempre mais cinzento e sem graça.

março - orações diárias de outrora

por lucília pereira dos santos

As orações abaixo referidas são o resultado de uma pesquisa por mim efectuada e do convívio que sempre tive com as pessoas mais idosas da aldeia

Oração da Senhora de Março

Esta oração rezava-se durante o mês de Março, todos os dias, sendo que o dia 1 e o dia 31 de Março tem que ser rezada na igreja. No último dia oferece-se as 31 Ave-Marias à Nossa Senhora de Março.

Convosco ó meu soldado

Convosco ó Virgem Maria

Este mês de março têm 31 dias

Eu vos rezo por cada dia 31 Ave-Marias

Peço-vos ó Virgem sagrada

Que na hora da minha morte

Me pagueis a minha soledade.

Rezar as 31 Ave-Marias.

Reza à Nossa Senhora da Anunciação

No dia 25 de Março é o dia da Nossa Senhora da Anunciação. Neste dia, na Igreja rezavam 100 Ave-Marias, e ao fim de cada Ave-Maria levantavam-se, benziavam-se, persignavam-se, beijavam a cruz do terço e voltavam a ajoelhar-se. Ao fim de rezarem as 100 Ave-Marias ofereciam-nas dizendo a seguinte oração:

Alma minha têm-te na fé

Jesus Cristo contigo é

Se passares pelos campos de jura fás

Três inimigos da alma encontrarás

Três vezes lhe dirás:

Arreda, arreda satanás

Enquanto no mundo andei

100 Ave-Marias rezei

100 vezes me persignei

100 vezes a cruz do terço beijei

100 vezes pus o joelho no chão

No dia da Nossa Senhora da Anunciação

Reza da Semana Santa

Esta reza era feita durante a Semana Santa (semana antes da Páscoa), na Igreja e sempre de joelhos.

Domingo de Ramos – Rezavam dois terços, mas em cada conta do terço rezavam 1 Pai Nosso e 1 Ave-Maria,

que me foram transmitindo algumas das práticas religiosas de outrora e de que alguns ainda se recordam.

pelos martírios que Nosso Senhor sofreu no jardim das oliveiras

Segunda-feira – 30 Pai Nossos e 30 Ave-Marias, pelos 30 anos que Nosso Senhor andou no mundo

Terça-feira – 33 Pai Nossos e 33 Ave-Marias, pelos 33 anos que Nosso Senhor andou no mundo

Quarta-feira – 2 terços (em cada conta do terço um Pai Nosso e uma Ave-Maria)

Quinta-feira – 8 dezenas e meia de Pai Nossos e 8 dezenas e meia de Ave-Marias

Sexta-feira – 11 dezenas e meia de Pai Nossos e 11 dezenas e meia de Ave-Marias

Sábado de Aleluia – 2 terços (em cada conta do terço um Pai Nosso e uma Ave-Maria) e 8 Salvé Rainhas

Domingo de Páscoa – 30 Pai Nossos, 30 Ave-Marias e 30 Cremos. Ao fim de cada Pai Nosso, da Ave-Maria ou do Credo diz-se: já ressuscitou Nosso Senhor com prazer e alegria, aleluia, aleluia.

No Domingo de Páscoa, ao fim da missa, é que ofereciam a reza que fizeram durante toda a semana á Sagrada morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e diziam um oferecimento que me é impossível aqui deixar porque já ninguém se recorda daquele.

Reza para ganharem o Jubileu (Indulgência)

Também rezada na semana santa, num dia destinado pelo senhor padre, é feita na igreja nos seguintes modos:

Entravam na igreja, tomavam a água benta, benziavam-se, faziam a vénia, ajoelhavam-se e persignavam-se, rezavam 6 Pai Nossos e 6 Ave-Marias, por uma alma (geralmente por pessoas de família ou amigos) e saíam para a rua (persignavam-se e faziam a vénia). Estavam um bocado na rua e voltavam a entrar na igreja, fazendo o mesmo ritual de entrada e rezavam de igual modo por outra alma e voltavam a sair, e assim sucessivamente. Por quantas mais almas rezassem, mais indulgências ganhavam.

Depois de rezarem pelas almas que entendiam tinham que se confessar e comungar no prazo de 8 dias.

conhecer a beira alta

por adriano tomás (*)

Sabe-se do potencial turístico e cultural que têm as terras do interior norte-beirão, primeiramente pelos monumentos e deslumbrantes espaços naturais e urbanos existentes, como sejam as igrejas, conventos e pelourinhos (prenhes de muitas histórias justicialistas), aldeias históricas com séculos e séculos de existência e de povoados iniciados na romanização deste território peninsular, passando pela influência visigótica e castelhana

(tempos feudais) e resquílios árabes nos poços com nora e castelos a recordarem-nos as muitas batalhas que por ali se viveram, como pode observar-se em visitas que se façam a Castelo Rodrigo, Escalhão, Penha da Águia, Freixeda do Torrão, Algodres, Barca de Alava, Vilar Torpim, Mata de Lobos, etc., bem assim como nos concelhos limítrofes (localidades distanciadas por volta de 30 km): Almeida, Castelo Bom, Vilar Formoso, Castelo Mendo, Vila Nova

de Foz Côa, Almendra e Castelo Melhor, Mêda, Marialva e Longroiva, etc.

Todas estas povoações têm as suas igrejas restauradas, os solares antigos apresentáveis na sua talha granítica centenária, sem esquecermos as paisagens deslumbrantes que se avistam dos seus miradouros.

Há, também, que salientar, a Gastronomia Regional que satisfaz o mais exigente gourmet, em muitos restaurantes da região, desde os afamados borregos assados/guisados ao bacalhau à lagareiro, do coelho bravo ao javali, da pratada de ossos de bísaros com hortaliça aos saborosos enchidos de lombo, queijos da Marofa, as dulcíssimas compotas caseiras, etc. Não nos devemos esquecer, também, da vitivinicultura

da região, com os seus reconhecidos e qualificados vinhos, onde se destacam as adegas de Figueira de Castelo Rodrigo (Frei Bernardos e os apreciados rosés e frisantes Convento de Aguiar – oriundos dos antigos “vinhedos” dos monges cistercienses), como os afamados tourigas da Quinta do Cardo e herdades de produção vinícola da Vermiosa (Vilar Torpim), que satisfazem e inebriam os mais exigentes enófilos.

Não vos quero tomar mais tempo na descrição e do muito que havia a dizer sobre esta região aprazível, relaxante e retemperadora de novas forças e fiável saúde para todos os que bem precisamos dela.

(*) *ex-jornalista do Diário de Notícias.*

a vida é o que nos acontece enquanto estamos ocupados a fazer planos

por paulo pereira

Recentemente, em final de Janeiro, aqui o vosso amigo foi surpreendido com uma festa de anos surpresa n^o “Os Unidos”, restaurante do meu querido Tio & Padrinho Anselmo, situado no Campo de Santa Clara, ali junto à Feira da Ladra. Fui agraciado com a presença de dezenas de “Minhotos” que fizeram o favor de se reunir num final de tarde de Domingo vindos de ambas as margens do Tejo para celebrar a vida. Sublinho: para celebrar a vida.

Ponho este “pormenor” em destaque porque, como um dos meus priminhos fez o favor de assinalar, há já muito tempo que a família não se reunia sem ser por motivos trágicos – funerais, despedidas de entes queridos. Guardo na memória dois desses momentos, ambos já ocorridos no século passado, um há mais de 20 anos na nossa querida aldeia, outro há exactamente 20 anos no mesmo sítio desta festa que tanta alegria me trouxe.

O primeiro foi no início dos anos 90 (aposto em 1992), num Natal que viu a família toda rumar a Norte para celebrar o Natal na casa que então ainda era (só ou sobretudo) da minha saudosa Avó. Agora que penso nisso custa-me a entender como é que couberam tantos de nós numa casa que, ainda que espaçosa, não teria mais de cinco camas, mas nessa altura, e como dizia um cantor meu favorito, “não existiam problemas, apenas soluções”. E assim coubemos todos nesse Natal gélido (a meus olhos; para quem vive em Teixeira terá sido um Natal como todos os outros), com uma mesa farta, lareira permanentemente acesa e festa com direito a música (muito talento para tocar concertina há nesta família!) e bailarico na garagem. Bons tempos em que os mesmos priminhos que hoje me olham de cima para baixo na altura mal me passavam dos joelhos...

O segundo momento, em 1995, foi como que um esboço do que veio a acontecer semanas atrás, em Lisboa. Então como agora prepararam-me uma festa surpresa n^o “Os Unidos” com uma diferença significativa: não sei bem como (entretanto passaram-se 20 anos, há que dar um desconto à minha memória...), descobri o que estava para acontecer e decidi fazer eu a surpresa a todos os que me

queriam surpreender a mim. Passo a explicar...

Atraíram-me para o restaurante, preparados que estavam para gritar “SURPRESA!” assim que entrasse porta adentro. Sabendo do plano não dei parte fraca e fingi nada saber. E quando entrei ninguém gritou “SURPRESA!” porque quem fez a surpresa maior fui eu; sabendo que todos eles, dos meus pais aos meus tios, não achavam piada ao meu aspecto – então como agora, cabelo comprido, t-shirts daquelas que não se podem usar na Igreja, calças rasgadas e por aí fora – decidi aparecer com um fato verde (pertença do meu pai) e gravata. As expressões nas caras deles foram impagáveis, porque quem me quis surpreender ficou surpreendido – e como! Tiveram de esperar 20 anos para me conseguir surpreender e desta vez admito que o conseguiram – nem por um momento desconfiei do que estava para acontecer.

E foi bom, muito bom mesmo.

O que me leva de novo ao início deste texto... devemos aproveitar o tempo para não deixar de estar com quem nos é mais querido, sejam eles familiares ou amigos. 100 medos. 100 vergonhas. 100 rancores. 100 ter de esperar 20 anos. Porque, como dizia John Lennon (o Beatle cabeludo de óculos... hum... onde é que já vi isto?), “a vida é o que nos acontece enquanto estamos ocupados a fazer planos”.



P.S. - Muitos, MUITOS parabéns à revista da nossa Teixeira pela sua 100.^a edição!

saúde natural: a erva-cidreira (*melissa officinalis*) por anabela brito



Na Teixeira quem não a conhece? Nasce em todo o lado perfumando tudo em seu redor. Lembro-me dos serões passados em casa do tio Zé Pereira e da tia Maria do Carmo onde nunca faltava o chá de cidreira adoçado com mel e por vezes acompanhado com uns “esquecidos”. Nada me sabia tão bem como aquele chá bebido em malgas pequenas e sorvido em pequenos goles para durar mais tempo. Enfim tempos felizes.

Mas esta planta tem uma história muito longa e bastante curiosa que eu gostaria de vos contar.

A Erva-Cidreira é também conhecida pelo nome de “Melissa”, e é uma planta da mesma família e com o aspeto semelhante à hortelã, medindo entre 30 cm e 60 cm de altura. Nativa da região que circunda o Mediterrâneo e Ásia. As suas folhas possuem a fragrância e sabor característicos semelhantes ao limão. As flores são pequenas, de cor branca ou rosada e atraem especialmente as abelhas, aliás Melissa provém do grego e significa abelha.

Muito apreciada pelos Gregos há mais de 2000 anos, difundiram a sua utilização por toda a Europa como erva medicinal, chamavam-na de “erva do mel de abelha”. Em Inglaterra, no século XVII, além de lhe atribuírem o segredo da longevidade e juventude, também acreditavam que tinha poderes mágicos para atrair a pessoa amada. Na Malásia é cultivada em grandes quantidades para fabricarem perfumes.

A erva-cidreira é digestiva, calmante, sudorífera, analgésica e antiespasmódica. Como planta medicinal é indicada para aliviar cólicas intestinais, febres, dores de cabeça, bronquites crónicas e resfriados, combate a insónia e acelera a menstruação; a infusão desta erva na água do banho, além de perfumar, funciona como calmante.

Na aromaterapia é indicada para pessoas com problemas de depressão. O incenso de erva-cidreira confere felicidade e sucesso, ajuda a encontrar o verdadeiro amor, combate a timidez e a falta de autoconfiança.

Além da tisana, é boa para adicionar aos sumos de frutas, nas sopas, nas saladas, para condimentar aves e peixes. No entanto deve ser acrescentada aos alimentos no final do cozimento, pois perde o sabor quando cozinhada a quente.

A erva-cidreira é, também, utilizada em cosmética, como essência de perfumes, sabonetes e champôs.



arroz de cabidela arganil

Ingredientes:

1 frango ou 1 galinha ou 1 galo
1/2 copo de vinagre
2 cebolas
1/2 kg de arroz carolino
5 colheres de sopa de azeite
1 dente de alho
1 ramo de salsa
2 folhas de louro
1 ramo de carqueja
Sal (q. b.)
Pimenta (q. b.)

Confecção:

Ao matar-se a ave, recolhe-se o sangue para um recipiente (tigela), onde previamente se colocou o vinagre e mexe-se. Corta-se a ave escolhida em pedaços.

Leva-se a estufar num tacho juntamente com o azeite, as cebolas picadas, o dente de alho esmagado, a salsa e a carqueja.

Quando for necessário, acrescenta-se um pouco de água, tempera-se com sal e pimenta e continua-se a estufar em lume muito brando sempre com o tacho tapado.

Quando a carne estiver macia, adiciona-se a água suficiente para se obter o caldo para o arroz.

A quantidade de água depende da consistência da cabidela que se pretende obter.

Quando o caldo ferver em cachão, introduz-se o arroz bem lavado e enxuto e deixa-se cozer.

Adiciona-se o sangue e, mal levantar fervura, retira-se do lume e serve-se.



Bom apetite...



SEDE

AAT - Associação Amigos da Teixeira
Rua Nossa Senhora da Conceição, 5
6285-051 Teixeira-Sei
Telf.: 238 661 058 - telm. 964 184 739
E-mail: associacao.amigos.teixeira@gmail.com

DELEGAÇÃO DE LISBOA

Praceta Óscar Silva, 8 , 6ºesq
2855-590 Santa Marta do Pinhal
Corroios
Telf.: 212 551 977

coordenadas GPS da Teixeira
40°15'11"N 7°44'29"W

Visite-nos em
www.amigosdateixeira.pt

ISENTA DE REGISTO NA E.R.C., AO ABRIGO DO DECRETO REGULAMENTAR 8/99 DE 9/6, ARTIGO 12 º N º1.A